

PRÁTICAS DE APROPRIAÇÃO DISCURSIVA DO CÂNONE BÍBLICO PELOS ROMANCES LE QUATRIÈME SIÈCLE, DE ÉDOUARD GLISSANT E TEXACO, DE PATRICK CHAMOISEAU E A TEMÁTICA DA ALTERIDADE

*Débora Maciel Cabral*¹

Resumo: *O objetivo deste trabalho é descrever e analisar, enquanto projeto formal do romance, a heterogeneidade discursiva e a desconstrução do foco narrativo dos romances Le quatrième siècle de Édouard Glissant e Texaco, premiado com o Goncourt em 1992, de Patrick Chamoiseau e suas contribuições nas produções de efeitos de sentido à construção do sujeito e na definição da alteridade antilhana, com o olhar dos que foram inseridos na cultura francesa e na expressão francófona, originando-se de processos históricos de transculturação. Para tais fins, partir-se-á da análise descritiva do discurso dialógico conflituoso dos personagens centrais papa Longoué, Mathieu Béluse e da apresentação discursiva e modalizada do narrador na obra de Glissant. Em Texaco, a personagem Marie- Sophie Laborieux, no seu discurso "autobiográfico" ao personagem Oiseau de Cham, narra as memórias do bairro Texaco prestes a ser demolido por outro personagem denominado Christ. O jogo intertextual entre um "pseudo" diário da personagem Marie- Sophie que é inserido ao romance e o discurso de retomada da memória Texaco feito por Oiseau de Cham assume na narrativa, o formato de um diálogo entre personagens caracterizando o romance como polifônico. Desta forma, as análises dos dois romances verificam através da **Análise do Discurso Comparativa** (Maingueneau 1993;1998; 2003) a relação intertextual discursiva de apropriação e subversão do cânone Bíblico como plano de elaboração ficcional dos romances a fim de estabelecer uma periodização histórica não –oficial dos antilhanos, da definição de alteridade e da emancipação literária.*

Nesta introdução, gostaria de focar a temática da alteridade na mediação social das literaturas francófonas perpassando pelos estudos comparativos entre linguagem e literatura.

O projeto intitulado : "*Práticas de apropriação discursiva do Cânone Bíblico pelos romances Le quatrième siècle, de Édouard Glissant e Texaco, de Patrick Chamoiseau e a temática da alteridade*", demonstra a questão identitária antilhana em diferentes nuances desde da prática de apropriação discursiva à sua desconstrução em uma perspectiva pós – colonialista. Com efeito, o estudo desenvolveu-se a partir da análise discursiva, mais precisamente, dos estudos enunciativos da Análise do Discurso de base francesa (AD), no que tange ao aspecto dialógico, a partir do qual os romances se estruturam trazendo como formação discursiva a discussão sobre identidade e o questionamento da origem sob o olhar do negro - esse que fora inserido na cultura francesa e na expressão francófona fruto do processo histórico de colonização das Antilhas.

O estudo do tema da alteridade partiu de uma organização da leitura e da análise dos romances em três planos: formal, ideológico e estético.

¹Bolsista PIBIC CNPQ/ UERJ Orientador Prof. Dr. Geraldo Pontes Júnior

Quanto ao plano formal, observamos que ambos os romances caracterizavam-se por uma narrativa fragmentada, heterogênea e polifônica. Assim, através dos estudos enunciativos da AD, mais precisamente dos autores Benveniste, Ducrot e Maingueneau e da interface desses estudos com a teoria literária, ou seja, pelos estudos teóricos de Bakhtin, Genette e Affonso Romano de Sant'anna, pudemos perceber através dos aspectos formais da linguagem, ou seja, das marcas de expressão dos enunciadores apresentados nos romances, que os sujeitos discursivos são assujeitados, materialmente constituídos pela linguagem e interpelados pela ideologia de uma afirmação antilhana. É a linguagem a mediadora desses sujeitos e seus entornos.

Quanto ao plano ideológico, percebemos nos romances que ele é edificado do plano formal. É através desse que a narrativa desenvolve a temática central dos romances. Nele, verificamos o que representa a relação do tema da alteridade por meio da discussão do negro traçar sua própria origem histórica, a resistência do quilombola, a emancipação do povo negro da Martinica. Discussões que podemos relacionar às análises críticas e teóricas dos próprios autores dos romances *Glissant* e *Chamoiseau*, como *La poétique du Divers*, de Glissant e *Éloge de la créolité*, de Chamoiseau com outros autores da Martinica, como também a relação de mimetismo dos escravos aos ideais franceses, estudos de Homi Bhabha sobre a colonização inglesa na Índia e etc.

Quanto ao plano estético, que também é sustentado pelo plano formal, verificamos que cada obra organiza e traça suas narrativas a partir de construções metafóricas e de apropriações discursivas muito particulares, no entanto seguem um determinado eixo discursivo. Este plano estético representa a configuração das obras de uma forma sobreposta aos planos formal e ideológico. Sobretudo, nos permitindo observar como a alteridade antilhana, ou seja, este aspecto social é materializado na literatura pela expressão da linguagem.

A partir desta delimitação dos *corpora* nestes três planos, detalharemos as análises feitas dessas respectivas obras.

1) *Le quatrième siècle* – a retomada da ancestralidade antilhana pelo discurso oral.

O romance de Édouard Glissant inicia-se através de uma batalha dialógica “*Qu'est-ce c'est le passé, papa Longoué ?*” - O que é o passado papa Longoué? - pergunta feita a um dos personagens da história: papa Longoué, um velho septuagenário que é uma espécie de Chaman das florestas, criado sem nenhuma relação com a cultura do colonizador francês, já que o primeiro ancestral de sua família fugira logo que o navio negreiro atracara no porto; é muito respeitado pela comunidade local devido ao seu dom de cura. É um dos narradores do romance. O outro personagem, o indagador, é o jovem Mathieu Béluse, criado na cidade, sem nenhum conhecimento sobre a história dos seus ancestrais escravos. Não tem nenhum referencial sobre sua história somente aquela

aprendida pelos estabelecimentos de ensino francês.

Através do questionamento sobre sua própria existência, o protagonista papa Longoué faz emergir de seu inconsciente a história desconhecida dos ancestrais do jovem Mathieu Béluse.

- Todo este vento, disse papai Longoué, todo este vento que está para subir, você não pode fazer nada, espera que ele suba até suas mãos, e depois à boca, aos olhos, à cabeça (...)

« "E não se pode dizer", pensava ele ainda (acocorado diante do menino) "não se pode dizer que não existe uma obrigação na vida, mesmo se eu sou aqui um velho corpo sem apoio para remexer o que está feito-bem feito, a terra com as histórias há tanto tempo, sim eu aqui para ter este menino diante de mim, e veja, Longoué, você diz a garotada, veja, são os olhos Béluse e a cabeça Béluse, uma raça que não quer morrer, um pedaço sem fim (...).» [GLISSANT- LE QUATRIÈME SIÈCLE, 1964,P.15].

O diálogo é travado até o fim do romance, desdobrando-se em uma cadeia semântica, em que se configura este plano ideológico. Nele tece-se uma rede discursiva polifônica e heterogênea de três narradores que assumirão a construção de um imaginário coletivo.

1.1. O romance e sua materialidade lingüística

A análise deste romance propõe apresentar a contribuição da fragmentação da narrativa e o papel dos enunciadores -narradores e de suas materialidades lingüísticas à construção do sujeito e a afirmação da alteridade antilhana, *projeto ideológico* do romance .

O primeiro narrador é o personagem papa Longoué, *o quimboiseur* que como disséramos, é uma espécie de curandeiro que transmite através do discurso oral, a tradição histórica desta comunidade localizada na Martinica que é constituída por descendentes de escravos. Desta forma, a figura de papa Longoué simboliza na narrativa, o papel daquele que resguarda na sua memória o passado desconhecido por todos os habitantes da comunidade. E além do seu discurso ser aquele que retomará este passado, ao mesmo tempo, o revelando, essa versão discursiva, ou este outro olhar se legitimará diante do discurso do colonizador francês que fora estabelecido como a história oficial.

- Não se pode dizer que ele não nasceu astucioso, todo um ladinho "eu não sei de nada", mas papai Longoué é mais astucioso ainda, meu filho; você quer saber uma história que você sabe sim, senão não teria vindo procurar um velho diabo como eu. .[GILSSANT,1964, p.18]

Mathieu Béluse vê na figura ancestral de papa Longoué aquele que sabe o verdadeiro motivo de uma briga entre os primeiros ancestrais das famílias Longoué e Béluse, assim que chegaram à ilha da Martinica. Depois desta desavença, ambas famílias tornam-se inimigas por séculos .O motivo do ódio já se tornara esquecido para os Béluse. Todavia, não o fora pelos Longoué.

Quando Mathieu decide descobrir sua origem, ele vai até este "inimigo" para comprovar uma verdade de que ele já desconfiava: "os Longoué e Béluse são a mesma coisa".

A presença de um narrador em terceira pessoa, ou seja, sob a forma de não-pessoa, relata através da ótica da onisciência e da onipotência, a versão histórica dos que não foram inseridos na

História.

Havia sempre aquele odor de vômito, sangue e morte que mesmo a chuva não podia apagar tão depressa. Mas a limpeza tinha sido bem feita, o odor passaria; até a próxima viagem. Até a próxima insipidez de morte que ancoraria na enseada. [GILSSANT, 1964, p. 31].

Em seguida, é introduzida a voz de um outro narrador que surge sob uma forma marcada de heterogeneidade:

(Porém eu o sinto, pensava papai Longoué. Há tanto tempo. Desde o primeiro barco, quando este comércio não era ainda mais que uma aventura cujos lucros ninguém sabia se seriam convenientes, até a Rose –Marie, na época em que se tornara um negócio proveitoso, sim, até essa manhã que viu os dois antepassados desembarcarem da Rose-Marie para começarem a história que é a verdadeira história para mim (...)) [GLISSANT, 1964, p. 31]

Observa-se que existe uma distinção entre os discursos citados do romance. O narrador sob a forma marcada dos parênteses incorpora, ou melhor, se apropria da posição de enunciador de papa Longoué.

Em uma outra situação, vejamos como este narrador também se apresenta:

(Oito horas. A matilha se havia mantido na pista desde as seis horas da tarde, estava excitada. Reencontrou o rastro na zona do mato baixo do morro das Acácias.) (...)

(Nove horas. Diante da muralha negra, homens e cães em círculo. Não se podia fazer nada. Supondo-se que este negro em fuga tivesse podido reconhecer o único lugar onde nunca os animais poderiam descobri-lo. Um escravo fugitivo do primeiro dia. Um escravo fugitivo da primeira hora.) [GILSSANT, 1964, p. 58]

Desta forma, definimos este narrador de forma marcada, como um narrador–relator devido à precisão nas informações que apresenta, muito ricas em detalhes, como se fosse um registro histórico que se legitimasse na medida em que fosse narrado.

Inserido neste discurso-relator, é possível encontrarmos algumas teorias de Glissant como, por exemplo, o conceito da *pensée de la trace* que retrata a questão de alteridade como um processo engendrado pelo hibridismo cultural contra o mimetismo francês. Destacamos também, que são estas formas materiais da língua que fazem o autor presente nas falas desses narradores. Através destas formas é constituído o plano ideológico do romance.

O discurso da *pensée de la trace* está difundido nas obras literárias de Glissant, como a sua definição e uma forma de representação da alteridade antilhana. Em *le quatrième siècle*, *trace* que quer dizer traçado, rastro, vestígio, estará representado através do discurso de que todo o antilhano deve voltar seu pensamento para a origem de sua história e de não perder o rastro da mesma. Glissant desta forma critica os antilhanos, os estabelecimentos de ensino francês e principalmente o pensamento daqueles que viam somente no retorno à África a descoberta da sua origem já que estes não considerariam que eram parte daquela nova terra, frutos da colonização branca. Podemos situar o escritor e pensador antecessor de Glissant, Aimé Césaire fundador do movimento da Negritude nas Antilhas como o principal difusor deste Retorno à África para o encontro do referencial

identitário.

Ainda nesta análise da materialidade discursiva que veremos mais adiante, apontamos o aspecto da heterogeneidade discursiva, principalmente a forma marcada, e sua contribuição à constituição de uma imagem da antilhanidade junto a uma rede polifônica de discursos composta pela racionalidade dos discursos do narrador-relator e de Mathieu Béluse, assim como pelo discurso intuitivo ou inconsciente de papa Longoué.

1.2. A heterogeneidade discursiva no romance

Analisamos este aspecto formal a partir dos estudos de J.Revuz (1982-1984) sobre heterogeneidade discursiva – forma marcada e os estudos de Sabine Bouchon (1996) no que concerne ao uso dos parênteses e travessão e suas produções de sentidos.

J.Authier discute a partir da noção de subjetividade, que esta já é constitutiva e reconhecidamente heterogênea. Para a autora, toda fala é determinada de fora da vontade do sujeito, pois o Outro, como elemento constitutivo do sujeito, compartilha com ele o espaço discursivo da enunciação. Com efeito, ela propõe uma classificação de heterogeneidade em dois tipos: a constitutiva e a mostrada, que também é classificada em marcada e não-marcada. Tanto para a análise do romance de Glissant quanto à de Chamoiseau no que tange ao uso dos parênteses, concentramos a pesquisa somente na forma de heterogeneidade mostrada e marcada.

Destacamos que estas formas marcadas podem demonstrar a presença de um *outro* no *um*, ou seja, mostrar a heterogeneidade de maneira explícita (mostrada, marcada) como, por exemplo, o discurso relatado (DR), que no romance de Glissant é explicitado pela presença de um narrador relator que se apresenta sob a forma também marcada dos parênteses. Neste caso, o enunciador ou usa suas próprias palavras para transmitir o discurso de um outro (discurso indireto- DI), ou recorta as palavras de um outro e as cita (discurso direto-DD), assinalando as palavras do outro no seu discurso através de marcações explícitas como aspas, itálico, glosas etc. Todavia, neste trabalho concentramos as análises sob o uso dos parênteses nos dois romances trabalhados ressaltando, por exemplo, que, apesar de J. Authier não propor um nível de heterogeneidade discursiva que não envolve uma negociação com a heterogeneidade constitutiva, proponho trazer a discussão de Gallo (2001:65), que complementa o conceito de heterogeneidade discursiva, a partir de uma proposta de um nível de heterogeneidade discursiva, em que esta é permanente na medida em que não é delegada pelo sujeito, pois o sujeito conta com a heterogeneidade para fazer sentido, ou seja: “o sentido se faz nela”. Assim, o sujeito “sabe” do “outro” e o marca explicitamente na materialidade do texto sem precisar circunscrever uma parte de seu dizer.

Sobre a aplicabilidade dos parênteses, destacamos primeiro as reflexões de J.Authier sobre a

definição de modalização autonímica. Para a autora a modalização autonímica é uma forma de modalidade enunciativa que permite a acumulação de dois empregos- "uso" e "menção" do signo. Com efeito, fala-se da coisa, porém se fala igualmente da palavra pela qual se fala da coisa. O locutor faz uso das palavras inscritas no fio do seu discurso, sem a quebra da autonímica e, ao mesmo tempo ele a mostra. É necessário destacar que essa ruptura do fio do discurso provocada pelas formas de emprego da modalidade autonímica é de ordem sintática, que não deve ser confundida com o sentido. Podemos exemplificar melhor esta discussão, ao abarcamos neste artigo o estudo teórico de Boucheron.²

Segundo a autora, tanto os parênteses quanto o travessão são ferramentas gráficas que desencaixam e constituem sentido dos enunciados. Assim, representando um signo de complexidade enunciativa, pois propaga um desnivelamento enunciativo, uma "ruptura sob o fio".

Sinal de desnivelamento, os parênteses não são frutos do acaso. Este sinal serve para enquadrar, demarcar, sublinhar o lugar do outro, um "aliás," ele representa então o "dizer do outro", uma separação, um hiato. Um lugar em que o sujeito escritor vai ao encontro de suas palavras, que ele ajusta, que ele comenta. Sobre esta ação do sujeito, destaca Boucheron: "et au sujet desquels il dévoile des hésitations, des reserves, des choix".

Assim, vemos um espaço onde uma de nossas mais queridas ilusões oculta as evidências das palavras, da transparência do sentido para, retomando uma formulação de Pêcheux, "*c'est également un lieu où le lecteur est invité, convoqué malmené: ici, on met" du sens" en comun et les mots sont donnés on partage, ou rendus à ceux qui les habitent*".

Para nós, este espaço de desencaixamento é um lugar privilegiado da representação e da observação da constituição do sentido dos enunciados e como diz Bakhtin: "*Si les mots sont "chargés" "occupés," "habités", et si "chaque mot se présente comme une arène um réduction*". O espaço de desencaixamento é o teatro ideal da representação da emergência do sentido da arena. E a possibilidade que o uso dos parênteses proporciona, é, portanto permitir nossa entrada em um lugar de negociação e de diálogo, onde o sujeito que escreve responde por ele, porém também para seu leitor, as dificuldades postas pela elaboração do sentido das palavras, de sua história. J.Authier considera em um primeiro sentido, que os parênteses são associados ao inconsciente lingüístico dos sujeitos, ao que se denomina de "comentários". Estes que a autora nomeia de "glosa meta-enunciativa".

Assim, em um número muito grande de enunciados, o "X desencaixado" constitui uma resposta à opacificação de uma palavra ou de um segmento da frase de inserção. Podemos

² *Parenthèse et Tiret Double: Étude de l'opération de 1996: décrochement typographique*. Thèse pour le doctorat de linguistique. Novembre 1996.

compreender a opacificação como a interposição da consideração do signo sobre o trajeto da coisa designada. É esta interposição que suspende a sinonímia, como a menção. Diz-se opaco no sentido do signo, porém não a designação do objeto através do signo.

Isso significa que o que existe é uma alteração da transparência, porém não há a “perda da transparência” e sim uma opacificação das palavras quando essas somente designam. Elas permitem ver, ao mesmo tempo, que elas designam o real, sua própria materialidade, sua natureza de palavras.

1.3. A opacidade do sujeito antilhano

Desta forma ao analisarmos este aspecto formal do romance de Glissant, através da materialidade discursiva em que os narradores e personagens tecem o romance, definimos este plano formal de *Le quatrième siècle* como aquele que sustenta um plano estético que o configura como o *romance do nós*, já que na representação estética, este aspecto formal discursivo que analisamos, desempenhará a representação metafórica de um sujeito multifacetado, fruto de um hibridismo cultural .

A obra de Glissant vai-se construir por acumulação, pela nomeação extensiva de todo um espaço-tempo vivenciado por personagens que se repetem de um livro para outro, evoluindo, envelhecendo, refletindo, insistindo naquelas idéias fixas do autor, num diálogo intermitente, recortado, em que vários alter egos discutem, numa duração interminável. [FIGUEREDO, 1998, P.80].

2) Texaco - A emancipação antilhana pela subversão canônica

Em *Texaco*, do autor martinicano Patrick Chamoiseau, é narrada a história de Marie-Sophie Laborieux, uma líder comunitária de um bairro periférico de *Fort de France*, na Martinica. Ela, que fora neta de escravos, vivia ali desde os anos 50, na época em que o mangue pertencia à multinacional de petróleo. Com a ocupação deste terreno pelos ex-escravos, após a abolição, começa um crescimento desordenado. É designado ao local, pelo então prefeito da Martinica Aimé Césaire, um urbanista denominado de Cristo pela narradora Marie-Sophie. Este tem como propósito demolir a favela.

Marie-Sophie é construída sem voz na narrativa. Sua história é contada por um personagem chamado de *Marqueur de Paroles*, que se autodenomina de *Oiseau de Cham*. No romance, este *Marqueur de Paroles* "autor" e também narrador (destaca-se que Marie-Sophie narra grande parte do romance em primeira pessoa) forja as falas da personagem inserindo trechos de um suposto diário que a mesma teria deixado, estabelecendo desta forma, uma outra relação intertextual .

Com a chegada de Cristo, Marie-Sophie se revolta e num diálogo travado com o urbanista tenta convencê-lo da importância daquele espaço, devido ao seu caráter memorialista.

Assim que entrou em Texaco, Cristo foi apedrejado com uma agressividade que não surpreendia. Naquela época, é bom que se diga, estávamos todos nervosos: uma estrada chamada Penetrante Oeste ligara nosso Bairro ao centro da Cidade. Por isso é que as pessoas de bem descobriam de seus

automóveis, dia após dia, o amontoado de nossos barracos que elas afirmavam ser insalubres- e esse espetáculo pareceu-lhes contrários à ordem pública.[CHAMOISEAU- TEXACO,1992, P.10].

2.1. A relação intertextual e a apropriação discursiva pelo romance *Texaco* ao cânone bíblico.

A análise partiu da relação intertextual entre o romance e o cânone bíblico, sobre a profecia que o cânone traz a respeito da chegada do Messias e respectivamente a chegada do Cristo-urbanista denominado assim por Marie-Sophie. Com efeito, seguimos os estudos teóricos de Genette (1987) e de Maingueneau (1993, 1997) sobre a intertextualidade, eixo pelo qual a narrativa tece-se através de uma relação com o cânone como já mencionado.

Deste modo, expomos neste trabalho a relação intertextual discursiva entre romance e o cânone bíblico também como plano de elaboração ficcional, pois o bairro *Texaco* representa a própria história dos negros ex-escravos e seus descendentes. Por toda parte, respiram-se os vestígios das lutas de ocupação pelos habitantes. *Texaco* é o espaço que acolhe toda aquela população esquecida, que não fora inserida na sociedade branca, após a abolição. Um espaço de legitimidade identitária já que para Marie-Sophie convencer o urbanista, ela relata a historicidade daquele local como um símbolo de resistência que resguarda o passado de uma comunidade. Logo, a personagem “se arma” com um discurso polêmico que retoma toda ancestralidade daquele povo afirmando a alteridade antilhana diante daquele que vem envolvido por um idealismo messiânico de “recuperar” a localidade .

O jogo intertextual entre romance e cânone pode ser visto a princípio, como um eixo discursivo em que a personagem Marie-Sophie será transformada na figura messiânica do próprio Cristo como no próprio cânone. O que chamamos de eixo discursivo anteriormente, é na verdade a formação ideológica do romance, caracterizando-o como polifônico e heterogêneo. Resumidamente, podemos estabelecer a esta formação ideológica, que também é discursiva, o seguinte eixo: Revelação - “testemunho de Si mesmo nas coisas criadas e por palavras” – Morte - Ressurreição. Isso nos conduz a uma definição de periodização histórica não-oficial, da definição de alteridade, ou seja, da emancipação literária dos antilhanos.

Começamos a análise “antes mesmo do início do romance”, nos metatextos que antecedem os capítulos. Vejamos:

Anunciação.

(quando o urbanista que vem para demolir o insalubre bairro Texaco cai num circo crioulo e enfrenta a palavra de uma fêmea guerreira).

No tópico destacado, comprova-se que o nível de heterogeneidade é oriundo de um nível mais discursivo do que enunciativo, pois o que podemos destacar deste tópico é a relação intertextual com o cânone bíblico. A princípio, esta relação não fora totalmente percebida. Somente

quando notamos que o primeiro capítulo denomina-se “A chegada de Cristo segundo Iréné”, é que associamos o discurso *Anunciação* do romance com o discurso canônico *Anunciação* sobre a vinda de Cristo.

Além de tudo não é deixado claro que momento é esse: o da primeira vinda de Cristo, anunciada pelo arcanjo Gabriel à Maria, ou a segunda, quando entra à cidade de Jericó montado em uma mula emprestada. É importante destacar que o sentido do discurso canônico, aplicado a esses dois momentos, é referente aos discursos proféticos presentes tanto no Antigo Testamento quanto no Novo Testamento. Portanto, é esse discurso que se associa ao romance por relação intertextual.

A relação intertextual ou a *intertextualidade*, para Genette (1982), é um tipo de *transtextualidade*, que é uma caracterização de transcendência textual dele mesmo. Tudo pode ser relacionado, manifestado ou posto em segredo, com outros textos. Uma espécie de palimpsesto.

Na análise, observamos que essa primeira referência intertextual *Anunciação* entre cânone e romance ocorre sob a forma de um *metatexto* (tipo de comentário), com a inferência discursiva do enunciatador que apresenta seu discurso em itálico e entre parênteses sob a forma de um *paritexto*. Assim, é trazida à memória do leitor a imagem, que se deseja criar e legitimar pela função ideológica do discurso literário, a do antilhano. Pelo discurso *Anunciação*, são retomados três momentos remetidos a um único sujeito. O primeiro é a primeira vinda do Cristo canônico, o segundo é a segunda vida do mesmo adulto e o terceiro refere-se ao Cristo personagem de *Texaco*.

Os dois primeiros encontram-se em um plano de funcionalidade semântica que criam na obra um campo discursivo, em que pela força de interposição centrífuga desses dois momentos enunciativos referentes às duas primeiras vindas do Cristo canônico, faz o Cristo do romance ter uma imagem distorcida, em relação ao outro.

O discurso canônico cristalizado em *Anunciação* evoca a memória coletiva antilhana, o fruto da herança cultural colonizadora da Igreja Católica e da comunidade branca em geral, que era imposta à comunidade negra. Caracterizamos desta forma a obra como o relato de uma comunidade que é feito sob o olhar do negro remetendo a uma circularidade de vivências “transculturais” que são vistas através de manifestações interdiscursivas, como por exemplo em *Le quatrième siècle*.

Assim, o metatexto nos conduz a interpretar que esta voz encontra-se “fora” da narrativa . Quando a mesma é interligada ao discurso do paritexto - definido por Genette, como uma prolongação do texto de um autor por ele próprio, nos faz delegar o discurso deste paritexto ao personagem *Marqueur de Paroles*. Como já dito, este segundo narrador denomina-se então, de Oiseau de Cham – que é na verdade, uma inversão do nome do autor Chamoiseau.

Estas formas do dizer tecem a narrativa e constituem como “alteres egos ” os personagens

Marqueur de Paroles ou *Oiseau de Cham* e Marie-Sophie . Desta forma, a estética da narrativa por seu caráter formal-discursivo, configura-se como uma escrita “alter-biográfica”.

Quando dizemos que da relação intertextual entre romance e cânone, também está presente a apropriação discursiva, isso se deve ao fato da constituição da narrativa partir da criação metafórica que transpõe do imaginário coletivo o Cristo canônico, a origem do personagem Cristo, para o romance .

O sentido de apropriação aqui empregado é definido por Affonso Romano de Sant’anna, como uma técnica que se propõe devorar o significado alheio à criação de seu próprio. Contudo, isso não deixa de ser uma forma de subversão discursiva que projeta um discurso satírico que provoca, sobretudo, uma dessacralização à obra do outro.

2.2. A dessacralização do cânone pela subversão discursiva de Texaco

Podemos verificar no exemplo abaixo esta produção de sentido subversiva, satírica e dessacralizadora que é conferido ao romance pela remissão ao cânone:

O Sermão de Marie – Sophie Laborieux.

(não na montanha, mas à frente de um rum envelhecido).

O fenômeno discursivo da subversão, segundo Maingueneau, é um oriundo da heterogeneidade discursiva, em que um locutor assume o discurso e a autoridade de um outro, com o objetivo de legitimar seu discurso e estabelecer uma relação hierárquica, em relação e esse discurso assumido. De um deslocamento de olhar de si para com o urbanista, a personagem principal Marie-Sophie o vê como um Cristo destruidor. O fenômeno da subversão se manifesta porque a imagem canônica do Cristo se choca com a imagem do Cristo da ficção. Neste momento, Cristo é Marie-Sophie e não está pregando na montanha, mas diante de um rum envelhecido. Deste modo, podemos ver como o aspecto opaco da heterogeneidade opera no deslocamento da imagem do Cristo, por um desencaixamento estrutural, ideológico e estético do Cristo canônico para com o urbanista, e agora com Marie-Sophie.

O choque, além de ser remetido aos planos discursivos, também projeta para o ideológico e o estético, pois a imagem que se tem na memória é revertida para uma imagem inversa. O discurso do paritexto ou esta extensão discursiva do enredo, que já é vista no prefácio, quando introduzido pela negação, traz à cena este embate dialógico de dois momentos que se opõem pelo contexto em que se encontram seus enunciados, no entanto a narrativa ganha força do discurso canônico, para poder existir e se legitimar perante ele.

A legitimação realiza-se em três aspectos: o primeiro apresenta-se dentro do nível da ficção, que é a construção de *Texaco* como bairro, o segundo, também no nível da ficção, se dá pelo

discurso heterogêneo da narrativa, através desta projeção discursiva da figura do Cristo canônico sobre a personagem, que finalmente, quando foca na heroína, a sacraliza como o “próprio” Cristo, pois quando Marie-Sophie morre, ressuscita em *Texaco*, mais precisamente encarnando-o. Faz-se, assim, cumprir a profecia de uma mulher (que teria como nome sagrado *Texaco* que somente Marie-Sophie sabia) que conduziria o bairro à liberdade, como é visto na figura do Cristo canônico que, quando morre, tem sua matéria agregada, incorporando novamente aquele de quem veio. O terceiro aspecto é o mais importante que seria uma projeção extratextual, que retratarei detalhadamente, mais adiante.

O tópico do prefácio refere-se à análise a seguir:

Ressurreição

(não no esplendor da Páscoa, mas na angústia envergonhada do Marques de Palavras que tenta escrever a vida).

Nota-se novamente a retomada do discurso canônico, em contraposição ao discurso do romance, pela negação. Observa-se também que este discurso, ao ser retomado, direciona ao co-enunciador implicações de instruções, para que este possa construir uma interpretação que exija uma compreensão do contexto, além de uma simples interpretação de palavras. Tudo isso pôde ser analisado a partir da construção da proposição e dos estudos de Ducrot sobre os conectivos, destacamos aqui, o uso do conector “mas”, em “*mas na angústia envergonhada do Marques de Palavras*”.

Este discurso está intrinsecamente relacionado com o capítulo em questão que é a conclusão do livro. Uma espécie de revelação ao leitor de um enigma estruturado pelo texto, em torno da figura de Marie-Sophie: a transfiguração definitiva de sua imagem, ou seja, da consagração de Marie-Sophie no próprio Cristo.

2.3. As intervenções discursivas à construção do plano ficcional do romance

A construção narrativa se dá pela técnica da apropriação de dois momentos específicos que remetem às duas chegadas de Cristo, retratadas pelo cânone bíblico como uma promessa messiânica.

No capítulo final, o autor assume seu discurso em primeira pessoa e revela que o autor constrói sua personagem a partir da figura simbólica do Cristo. Ele representa o mito messiânico que fará transformações e cumprirá as profecias do Antigo Testamento e as do Novo. O “autor” ficcional revela:

Reorganizei a superabundante palavra da Informante em torno da idéia messiânica de um Cristo; tal idéia respeitava o abandono dessa comunidade perante aquele urbanista que soube decodificá-la. Em seguida, escrevi o melhor que pude esse texaco mitológico (...) [CHAMOISEAU, 1992, p.345]

Outrossim, a construção da ficcionalidade de *Texaco* somente é possível porque há uma

intervenção discursiva do autor ficcional sobre Marie-Sophie. Ela é a escolhida como aquela que fará cumprir as profecias, já profetizadas por um velho Chaman, em *Texaco*.

A função do mito é puramente cultural e primordialmente presente em toda a essência imaginária coletiva. No romance, esta gênese de *Texaco* metaforizada pela chegada de um Cristo ou tendo sua conquista alcançada através da figura do Cristo de Marie-Sophie, pode ser vista como um processo de pré-conhecimento. Conseqüentemente, Chamoiseau procura desenvolver no romance, um projeto ideológico que é o conhecimento histórico que parta do abstrato (metáfora messiânica) até o concreto (a construção de *Texaco*). Assim, o romance dá conta do resgate de uma concepção da alteridade antilhana, quando parte da trajetória de vida de Marie-Sophie e de seus ancestrais (particular) para o resultado de uma reflexão mais concreta que é o conceito do sujeito antilhano (geral). Para Pontes Jr :

A alteridade tem diferentes dimensões na (sobr) escrita de Patrick Chamoiseau, em Texaco,(...) tangencia as escritas ficcionais de até então na ainda breve tradição antilhana, onde a nova referência geracional juntamente com outros escritores. Do esforço de formalizar, em concepção literária, sua concepção de vida, seu olhar para a vida, ser o testemunho da história da Martinica, especula com originalidade a temática da margem . Assim como prova dessa “originalidade a temática da margem, Chamoiseau recorre à apropriação dos Modelos Culturais Oriental e Ocidental, os mesmos que auxiliaram na construção dos Cânones Literários.[PONTES JR.2006.]

2.4. A emancipação literária como emancipação do sujeito antilhano

Nesta perspectiva, outrossim, o romance postula uma escrita sobre a legitimação da *antilhanidade*, princípio este praticado por Édouard Glissant em *Le quatrième siècle*, em que o personagem principal e também um dos narradores do romance, conta a saga de duas famílias inimigas descendentes de dois escravos africanos, a partir de uma gênese mítico-histórica, como os moldes dos Cânones Ocidentais. Esta saga é contada também por um personagem septuagenário como Marie-Sophie, papa Longoué que cultiva, em sua memória, as histórias e a História de seus antepassados e dos outros habitantes da Martinica, oriunda de uma tradição oral que concretiza a referencialidade dessa comunidade que se encontra deslocada do espaço escrito: *Il y a eu en Occident, en même temps et parallèlement, une marche vers la transcendance de l'écriture par rapport aux oralités premières, et une aspiration à l'être* [Glissant, 1998,p.112]

Esta forma estrutural fragmentada caracteriza a narrativa como polifônica e também opaca, de difícil distinção de vozes, característica verificada no outro romance.

De uma perspectiva autobiográfica, este *emaranhado discursivo*, configura-se em uma dimensão alter-biográfica, em que os duplos se constituem numa única imagem de um sujeito antilhano, que é culturalmente tão diverso quanto a diversidade discursiva, em que a narrativa se estrutura.

Essa idéia de opacidade do sujeito e da escrita alter-biográfica do romance pode ser entendida

da seguinte forma : Em *le quatrième siècle*, Mathieu Béluse quer saber sobre seu passado e vê na figura de papa Longoué, a resposta de suas dúvidas. Papa Longoué perdera seu único filho a quem deveria transmitir todos os segredos do passado da família assim como os poderes da magia e da cura. O mesmo vê na figura de Mathie Béluse aquele que conduzirá o passado da família, já que papa Longoué sabe que Mathieu Béluse tem seu sangue. Seu discurso não é dizer claramente isso, mas fazê-lo chegar a esta conclusão. A idéia da continuidade ancestral na obra de Glissant reforça a questão de Mathieu não perder seu referencial. Ele fora criado na cidade mais próxima da cultura do colonizador. A idéia de ocupar o lugar de papa Longoué reflete a imagem desse sujeito antilhano ligado a um hoje, mas não longe de seu ontem. Neste caso, o sentido de opaco é de não se definir como um sujeito em uma única imagem.

Em *Texaco*, não há somente uma idéia de transformar a personagem Marie-Sophie em uma figura messiânica, mas também de emancipar toda uma comunidade que não se considera nem francesa nem africana, mas de sujeitos antilhanos.

O terceiro aspecto da legitimação do discurso seria a imagem do autor ficcional materializar-se no romance através do personagem *Marqueur de Paroles*, que se denomina Oiseau de Cham - anagrama de Chamoiseau, autor empírico do romance que, na verdade, é uma autobiografia ficcional, já que é narrada por uma mulher - Marie-Sophie - ao *Marqueur*. Com efeito, desta rede polifônica percebemos que todas essas vozes e outras que foram incorporadas ao romance constituem partes de um “eu” coletivo que representa a diversidade identitária de *Texaco* e conseqüentemente, a idéia dessa alteridade antilhana que o romance faz representar desse contexto real. Ponte Jr. destaca que a alteridade antilhana é representada por uma idéia do “sujeito duplo”, na narrativa :

O duplo de Marie-Sophie que lhe diz "toi, tu dis, moi, je dis" demonstrando a posição do narrador, faz pensar então na ficcionalidade dos diários da personagem. E o que seu duplo diz tornar-se o prisma de Marie- Sophie, fio da história particular e do conjunto mestiço, que faz com que, no âmbito dos sentidos dos fatos históricos, para além de um tempo linear para todos, coexista uma temporalidade caótica entre a colonização, descolonização, vivência pós-colonial e destinos individuais[PONTES JR, 2006]

3) Conclusão

Propomos refletir nesta análise, que o trabalho de tradução ao se desenvolver, sob uma ótica da heterogeneidade discursiva, já implica em um princípio constitutivo da língua, de que ela já é heterogênea e que discursivamente, já traz o discurso do outro. Mas de uma forma opaca.

O nosso objetivo nesta análise não é universalizar línguas e textos, mas diferenciar as diversas manifestações discursivas e seus reflexos na constituição do sujeito antilhano descendente de uma cultura diversa apresentadas no romance como todo, mas demonstrada através de um trabalho analítico do índice do romance.

Pudemos perceber que a análise da intertextualidade e da materialidade discursiva do romance, demonstram que, sob o plano literário, estes dois estudos apontaram para o reconhecimento de uma filiação ou de dependência mútua entre cânone e romance, fazendo com que a interpretação aqui abordada, venha a ser tida a partir de um conhecimento intertextual do leitor. Sabemos que todo texto, como afirma Genette (1982), transcende-se indo de encontro a outros textos. Desta forma, consideramos que através da relação intertextual discursiva de apropriação e subversão do Cânone Bíblico, o plano discursivo ou formal do romance é estabelecido, podendo ser encarado também como uma possível proposta de uma literatura antilhana, já iniciada por Césaire, Glissant e agora também em Chamoiseau.

Uma literatura engajada que canonizará a história da comunidade antilhana que se faz reconhecida a partir de uma escrita forjada, apropriada e recriada de outros textos. Uma escrita apócrifa que do pronunciamento de um discurso crítico sobre o questionamento da “História Oficial”, ou seja, dos Cânones, alimenta-se de suas forças fazendo emergir, das *versões não oficiais* de seus autores-criadores a noção, até então inexistente, de *antilhanidade*³ – a alteridade da Martinica.

Assim da margem obscura e esquecida, em que se encontra a literatura antilhana, emancipa-se tanto sua comunidade, quanto sua Literatura

Bibliografia

- AUTHIER-REVUZ, J. Palavras incertas: As não-coincidências do dizer. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1998.
- _____. Deux mots pour une chose ; trajets de non-coïncidence. In: ANNALES Littéraires de l'Université de Besançon n 701, “Répétition, Altération, Reformulation”. Presses Universitaires Franc-Comtoises, 2000.
- _____. Hétérogénéité montrée et hétérogénéité constructive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours. In: DRLAV – Revue de linguistique, n°26
- BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo, Martins Fontes, 1992.
- DUCROT, O. Provar e dizer. Leis lógicas e leis argumentativas. Trad. Maria Aparecida Barbosa, Maria de Fátima Gonçalves Moreira, Cidmar Teodoro Pais. São Paulo: Global Ed., 1981. 264p. Tradução de: La preuve et le dire. Paris: Mame, 1973.
- FIGUEIREDO, E. Construção de identidades pós-coloniais na literatura antilhana. Niterói: EDUFF, 1998.
- GENETTE, G. *Palimpsestes*. Paris: Seuil, 1982.
- GLISSANT, E. *Le Discours Antillais*. Paris: Seuil, 1981
- MAINGUENEAU, D. *Le contexte de l'oeuvre littéraire. Enonciation, écrivain, société*. Paris: Dunod, 1993.

³ Um neologismo na língua portuguesa

PONTES JR. G . *Alteridade e Parotopia no tema da margem e na escrita alterbiográfica em Texaco, de P. Chamoiseau* In. *Sentidos dos Lugares/(ORG) José Luís Jobim ...et al.* Rio de Janeiro ABRALIC 2006